Folha Informativa

Nº4 · PERÍODO 1 (DEZ.-MAR. 2021)

PROJETO SERTÃO CARIOCA
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

Divulgação das ações do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta

Símbolos e elementos gráficos produzidos na oficina de *design* participativo

GENTE QUE FAZ O PROJETO

Conheça a Gente que faz o Projeto Sertão Carioca

PÁGINA 5

COMISSÕES

Gestão Participativa: Descentralização e Coletividade

PÁGINA 7

DIÁRIOS DE CAMPO

Coletivo de Comunicação Realiza Oficina de Identidade Visual e Design Participativo

PÁGINA 10

Cartografia Participativa: Identificar, Reconhecer e Potencializar

PÁGINA 14

Laboratório Vivo: Fortalecer Agriculturas e Construir Conhecimento

PÁGINA 18

Valorizando as tradições: um olhar agroecológico para a conservação da natureza

Na criação do Parque Estadual da Pedra Branca, em 1974, o maciço de mesmo nome abrigava agricultoras e agricultores com forte relação com a natureza em suas atividades cotidianas de lazer e de trabalho.

A implementação do parque partiu da perspectiva política preservacionista de proteção da natureza. Isso exigiu uma mudança na forma com que as populações acessam e manejam os recursos. A justificativa foi a preservação dos recursos hídricos. Isto buscou conter práticas agrícolas consideradas prejudiciais ao meio ambiente, e também o avanço desordenado da urbanização.

Essa política estava associada à ideia de que a intervenção humana sobre a natureza é sempre negativa. Esta visão ignora a prática de conservação das comunidades agrícolas que, historicamente, mantém a qualidade dos recursos naturais e evitam a ocupação desenfreada do território do maciço.

As práticas agrícolas com base na agroecologia mostram soluções em curto e médio prazos para os

problemas ambientais e socioeconômicos das cidades. Elas freiam a migração para áreas urbanizadas através de sua agricultura limpa e sem o uso de agrotóxicos. Também evidencia que a permanência dessas populações nas unidades de conservação, desde séculos, justifica a forma como a mata e os recursos naturais se mantiveram presentes e acessíveis até os dias de hoje. Tudo isso, mesmo diante da falta de acesso à tecnologias pelos agricultores, tanto pelo isolamento geográfico das unidades de conservação, quanto pela falta de recursos financeiros.

A valorização e a visibilidade na forma de fazer agricultura limpa através da agroecologia, tem facilitado o acesso a mercados sustentáveis e mais justos. Com isso, cresce também a geração de renda e a melhoria da qualidade de vida dessas populações.

O *Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta* foi criado e tem sido executado partindo da ideia de que os saberes, as experiências socioculturais e as tecnologias sociais próprios das comunidades quilombolas e agrícolas do maciço da Pedra Branca apontam caminhos mais adequados para um modo de ocupação do espaço, com base no manejo sustentável da terra.

Neste sentido, o projeto tem como objetivo contribuir para a conservação dos recursos naturais da floresta urbana do Parque Estadual da Pedra Branca

e suas áreas de amortecimento, com base em estratégias de uso e manejo sustentável da biodiversidade que valorizem os saberes tradicionais associados. Para tal, entendemos que é necessário valorizar a identidade, os conhecimentos, as práticas e os direitos de cidadania dessas comunidades. E é partindo deste entendimento, através de uma abordagem agroecológica, que as estratégias serão conduzidas de forma conjunta e integrada.

Como nos boletins anteriores, nesta edição seguimos contando quais têm sido as estratégias e atividades para nossa construção integrada. Apresentamos uma parte da equipe que executa as ações e contamos como têm sido construídos os espaços de troca com as parcerias, através da metodologia de gestão participativa. Também destacamos as primeiras atividades de campo que estão ocorrendo nesse período: a realização de oficinas de Cartografia Social e a implantação de um Laboratório Didático vivo na região da floresta. Sintam-se convidad@s para participar.

Ingrid Pena
Coordenadora do Projeto Sertão Carioca

Renata Souto
Engenheira Agrônoma e
Assessora Agrícola do Projeto Sertão Carioca

Equipe Técnica

Márcio Mendonça
Coordenador Geral do Programa de Agricultura Urbana e Supervisor Metodológico do projeto

"Estou feliz pela possibilidade de fortalecer os quilombos e as comunidades do entorno do Maciço da Pedra Branca. Viva o Sertão Carioca!"

Ingrid Pena
Coordenadora geral

"Estou empolgada para conduzirmos este projeto da forma mais integrada possível. Sintam-se tod@s convidad@s para integrar os nossos espaços de diálogo e construção coletiva!"

Caroline Santana
Coordenadora Social

"Um prazer compor este projeto e poder contribuir no eixo sociocultural a partir da troca e da valorização dos saberes tradicionais já existentes no Maciço da Pedra Branca."

"É uma alegria promover a agroecologia e contribuir com as agriculturas do nosso Sertão!"

Letícia Ribeiro

Renata Souto
Assessoras Agrícolas

Mariana Portilho **Bruna Távora**
Assessoras de Comunicação

"Estamos animadas para contribuir com as variadas formas de mobilização territorial, divulgação das ações e a troca de saberes. Viva às diferentes formas de comunicação."

Camilla Lima

Renata França

Assistente financeira e de tesouraria

"Estamos felizes de participar do projeto e fazer essa troca de conhecimentos e culturas no Maciço da Pedra Branca."

Rosilane de Almeida

"Em meio a tantas adversidades que enfrentamos, é bom saber que ainda temos opções e esperança. Fico muito feliz em poder participar e contribuir"

Lideranças Territoriais e Agentes Comunitários

Sandro Santos

"A coisa mais certa é sempre a coisa mais justa, nossas cores são diversas mas nossos sonhos são os mesmos. Vamos lá!"

Maria Lúcia Mesquita

Alice Franco

"UBUNTU um ensinamento ancestral que nos aponta ao futuro derradeiro"

Adilson Mesquisa Jr.

Geovana de Melo

Caroline Rodrigues

Estagiários

"Hoje penso enquanto juventude que foi semente e hoje germina. Penso no legado que deixamos no chão que pisamos e onde fomos criados."
—Caroline Rodrigues

Murilo Marques

Michel Cole

Marina Pellegrini

Gestão Participativa: descentralização e coletividade

É como diz a sabedoria popular: "quem anda nas terras alheias, pisa no chão devagar!". E para chegar pisando devagar, a equipe e as parcerias comunitárias e institucionais estão organizadas de maneira coletiva. São cinco comissões que vão definir juntas o planejamento das ações. O objetivo é acolher a diversidade de perspectivas, saberes e ideias dos diversos grupos e instituições que constroem o projeto junto com a gente.

Cada comissão possui uma agenda de atividades, que será desenvolvida e ajustada ao longo dos dois anos de ocorrência da iniciativa.

COMISSÃO QUILOMBOS

Vamos discutir e definir questões relacionadas ao resgate memorial e identitário, além de estratégias de desenvolvimento comunitário. Serão realizadas três principais atividades: cartografia social, turismo de base comunitária e ecomuseu. O primeiro encontro da comissão ocorreu no Quilombo Cafundá Astrogilda, em 27 de janeiro, e seguiu o protocolo de segurança sanitária da AS-PTA. Discutimos o projeto, tiramos dúvidas, trocamos ideias e acolhemos as sugestões das lideranças territoriais. A principal agenda desta comissão é garantir o envolvimento e a participação dos núcleos quilombolas nas ações. A coordenação é de Ingrid Pena.

COLETIVO DE COMUNICAÇÃO

Queremos construir um ambiente de interação com os diversos comunicadores e comunicadoras populares que participam das iniciativas do projeto e contribuir com a apropriação e uso de tecnologias de comunicação. A principal agenda do coletivo é fortalecer os vínculos organizativos dos territórios através de atividades de comunicação popular e mobilização comunitária. A primeira ação do Coletivo ocorreu através de uma Oficina de Design Participativo, que construiu coletivamente os símbolos que ilustram a nossa identidade visual. O coletivo é coordenado por Bruna Távora.

COMISSÃO PEDAGÓGICA

A comissão pedagógica é responsável pela identificação de demandas de formação, construção de conhecimento e suporte das ações de capacitação e intercâmbio. O primeiro encontro da comissão ocorreu em 10 de fevereiro, em ambiente online e reuniu educadores(as) populares envolvidos com o território. Sua agenda principal é elaborar um plano de formação que inclui a construção de 20 oficinas de valorização de saberes e práticas comunitárias, e o desenvolvimento de um programa de educação ambiental voltado para crianças de primeira infância. A coordenação é de Caroline Santana.

COMISSÃO AGRICULTURAS, SAÚDE & MERCADOS

Esta comissão tem por objetivo promover as unidades produtivas ligadas diretamente à produção de alimentos e à segurança alimentar dos quilombos e seu entorno. Também apoiar o processamento e a comercialização de produtos da sociobiodiversidade. Sua agenda principal é resgatar e potencializar práticas tradicionais de produção de alimentos e geração de renda. A comissão já teve o seu primeiro encontro virtual, junto com a comissão de pesquisa, no dia 02/02. Agricultores e agricultoras urbanas estiveram presentes e compartilharam suas ideias e propostas. Coordenada por Renata Souto.

COMISSÃO DE PESQUISA

Esta comissão deve integrar e proporcionar meios e incentivos para atividades de pesquisa e difusão da ciência e tecnologia, articulando, sempre que possível, os saberes tradicionais ao conhecimento técnico-científico. A primeira reunião da comissão ocorreu no dia 02 de fevereiro e reuniu cerca de 40 pesquisadores (as) ligados (as) às parcerias institucionais e comunitárias do projeto. Sugerimos a organização dos integrantes em subcomissões ou Grupos de Pesquisa. Coordenação está sendo definida.

Coletivo de Comunicação realiza Oficina de Identidade Visual e Design Participativo

A oficina teve como objetivo criar coletivamente os símbolos que vão representar o projeto. A metodologia participativa contou com três encontros virtuais e exercícios criativos, que foram realizados através de um grupo de whatsapp. Relembramos as festas e tradições, as belezas e naturezas, os desafios, as lutas e as agriculturas do território do Sertão Carioca.

O design participativo é uma metodologia de criação gráfica baseada na interação coletiva de memórias e referências. Reconhecer, analisar e imaginar foram os verbos que conduziram nossa oficina. Através da troca, chegamos ao símbolo que representa nossas ações: uma folha entrecruzada por trilhas que percorrem as cachoeiras e os recursos naturais, os quintais produtivos, a memória e as diversas agriculturas existentes no Maciço da Pedra Branca. A imagem buscou traduzir as festividades, as histórias,

as lutas, as resistências e as vivências das comunidades quilombolas.

Adriano Isfran, diretor da Associação de Moradores Remanescentes Quilombola Dona Bilina, participou da oficina e destacou: "*A maior reflexão que eu tive é que a imagem é uma parte muito importante da apresentação de uma ideia. E que, mesmo se escolhermos a melhor imagem, pode ser que não seja suficiente. Isto porque uma imagem ou uma ideia não dá conta de representar a diversidade de todos que moram aqui*". A região do Maciço da Pedra Branca abrange 17 bairros da zona oeste do Rio de Janeiro.

Logotipo criado coletivamente na Oficina de Identidade Visual e Design

> *"Ficamos muito contentes pelo convite de realizar uma marca de forma participativa para um projeto que envolve tantas pessoas, lugares e histórias."*
> – Bibiana e Pedro.

Para colocar tudo isso em elementos gráficos, convidamos os consultores técnicos e designers Bibiana Serpa e Pedro Biz para conduzir a oficina. A proposta metodológica deles incentivou a troca de fotografias,

Painel realizado na oficina, a partir de fotos compartilhadas pelo grupo

o compartilhamento de lembranças e o estímulo à criação de imagens e desenhos. O resultado foi a produção de uma iconografria que apoiará a produção de todos os materiais de comunicação. A iconografia é um conjunto de imagens e símbolos que nos representam. Os resultados dos exercícios trabalhados na oficina demonstram a diversidade biocultural do Sertão Carioca.

A oficina compõe a agenda de trabalho do Coletivo de Comunicação do projeto. Ao longo dos próximos dois anos, outras oficinas e atividades formativas estão previstas.

Lições Aprendidas

Ao final das atividades, além dos elementos gráficos, também foi construída uma lista de Lições Aprendidas. O debate e as reflexões serão incorporados pelos conteúdos que serão produzidos pelo Coletivo de Comunicação.

- O projeto Sertão Carioca é apenas um pedaço da diversidade do território do Sertão Carioca.
- Reafirmamos que são as pessoas que tornam possível a ocorrência do projeto. Principalmente aquelas que moram e vivem o cotidiano do território do Maciço da Pedra Branca.
- Há muitos caminhos possíveis para simbolizar uma ideia. Toda escolha deixa de lado outras referências importantes!
- O símbolo dos caminhos e a ideia da diversidade foram referências importantes para nossa oficina. Refletimos criticamente sobre alguns símbolos que identificam os territórios.
- Falamos da importância em não ‘mitificar’ os elementos mais conhecidos. Devemos sempre compreender sua inserção no contexto socioeconômico e cultural.

Cartografia participativa: identificar, reconhecer e potencializar

Cultura, festas, danças, artesanato, culinária, ervas medicinais e manejo dos agroecossistemas do Maciço da Pedra Branca são algumas das referências que serão trazidas para a construção dos mapas produzidos nas oficinas. Ao final, os mapas serão publicados em um Fascículo. O material será distribuído para as comunidades, contribuindo com o fortalecimento institucional das organizações territoriais

Através de atividades de valorização da memória e dos modos de vida da população quilombola, as oficinas de Cartografia Participativa construirão um espaço de interação com as comunidades e as lideranças territoriais. O objetivo é desenvolver ações de fortalecimento comunitário e das associações quilombolas e de pertencimento cultural das populações quilombolas que residem no território do Sertão Carioca.

A antropóloga Stella Cáceres será a consultora técnica que conduzirá esta etapa. Segundo Stella,

os mapas são caminhos por onde conhecemos a realidade. Eles podem determinar a forma como enxergamos o mundo. “*A cartografia serve como ponto de partida de apropriação e sensibilização territorial, ajudando a definir interesses coletivos. Ela é também uma ferramenta de negociação política com o Estado, através de suas instituições. Uma comunidade que conhece seu território, tem maior capacidade de negociar com o poder público*”, destacou a antropóloga.

A oficina também é um instrumento metodológico de análise e diagnóstico sociais e ambientais. Trata-se de uma forma de fazer a análise que considera o protagonismo e a participação política da comunidade quilombola. Para isso, reconhece seus conhecimentos espacial e ambiental.

Igreja de São Gonçalo do Amarente, festas e danças do Quilombo do Camorim.

Sobre esse tema, a coordenadora social do projeto, Caroline Santana, afirma que se trata de um instrumento muito potente para a sistematização das ações, dos recursos e das histórias do Maciço.

"A possibilidade de desenhar todos esses elementos e identificá-los territorialmente, faz parte de um processo de valorização do conhecimento que os grupos quilombolas têm sobre o Maciço da Pedra Branca", destaca Carol, que também é assistente social.

A construção dos mapas também tem o objetivo de identificar e definir os elementos culturais que serão potencializados em 20 oficinas de valorização de saberes e práticas comunitárias. Deste modo, garantimos que toda ação desenvolvida localmente, seja construída a partir de um espaço comum de diálogo e trocas.

"A possibilidade de desenhar todos esses elementos e identificá-los territorialmente, faz parte de um processo de valorização do conhecimento que os grupos quilombolas têm sobre o Maciço da Pedra Branca"
– Caroline Santana

As oficinas iniciam em março, no Quilombo do Camorim. O território foi reconhecido pela Fundação Palmares, em 2014, como área de remanescentes de negros escravizados, e, em 2018, teve uma área identificada como Sítio Arqueológico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artsítico (IPHAN). A ação tem o apoio da Associação Cultural Quilombo do

Desfile de moda afro realizado no dia da festa de Dandara e Zumbi dos Palmares. Foto: Divulgação ACUQCA.

Camorim (ACUQCA), grupo representativo do Quilombo do Camorim no Projeto. A ACUQCA realiza ações permanentes de fortalecimento da identidade cultural e conservação ambiental no Camorim, sub-bairro de Jacarepaguá, onde é também um dos principais acessos ao Parque Estadual da Pedra Branca, Unidade de Conservação administrada pelo Instituto Estadual do Ambiente (INEA).

Laboratório Vivo em área de floresta: valorizar o conhecimento ancestral e contribuir para a conservação ambiental do Quilombo Cafundá Astrogilda

Como parte do eixo ambiental do projeto, o laboratório prevê a implantação de 18 áreas para análise da vegetação e caracterização da fauna e da flora do bioma da Mata Atlântica. A agrobiodiversidade do território, que fica na vertente sul do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), tem se mantido preservada graças ao conhecimento e à presença da comunidade quilombola na região

Durante a maior parte do tempo, e ainda hoje, as políticas públicas de ecologia e conservação partem da ideia de que um ecossistema bem conservado é aquele intocado. Nesse contexto, a presença humana esteve sempre associada à degradação ambiental. Essa visão, que contribui para a marginalização das comunidades que vivem nesses territórios, esconde um fato: é justamente graças às práticas tradicionais

Vista aérea da Floresta da Pedra Branca, onde será demarcada a área do Laboratório Didático Vivo

desses grupos que tem sido possível ampliar e garantir os serviços ambientais da região.

Será a partir dessa visão, que construíremos as atividades do Laboratório Didático Vivo. Vamos identificar os serviços ambientais e as funções ecológicas promovidas pelas práticas ancestrais de agricultura e manejo realizadas pelos quilombolas do Cafundá Astrogilda. Na área, que abrange o curso médio do Rio da Prata, realizaremos experimentos para indicar a importância da presença quilombola para a conservação do sistema florestal. Pesquisas ligadas à fixação do carbono e outros serviços ecossistêmicos também estão previstas, e serão realizadas em parceria com a Embrapa e outras instituições. A ação iniciou no mês de março e ocorrerá ao longo de todo o ano de 2021.

Para Rita Montezuma, professora da geografia da UFF e que está apoiando a implementação do laboratório, "ele propicia *propicia conhecimento e o despertar crítico na direção da história, da biologia,*

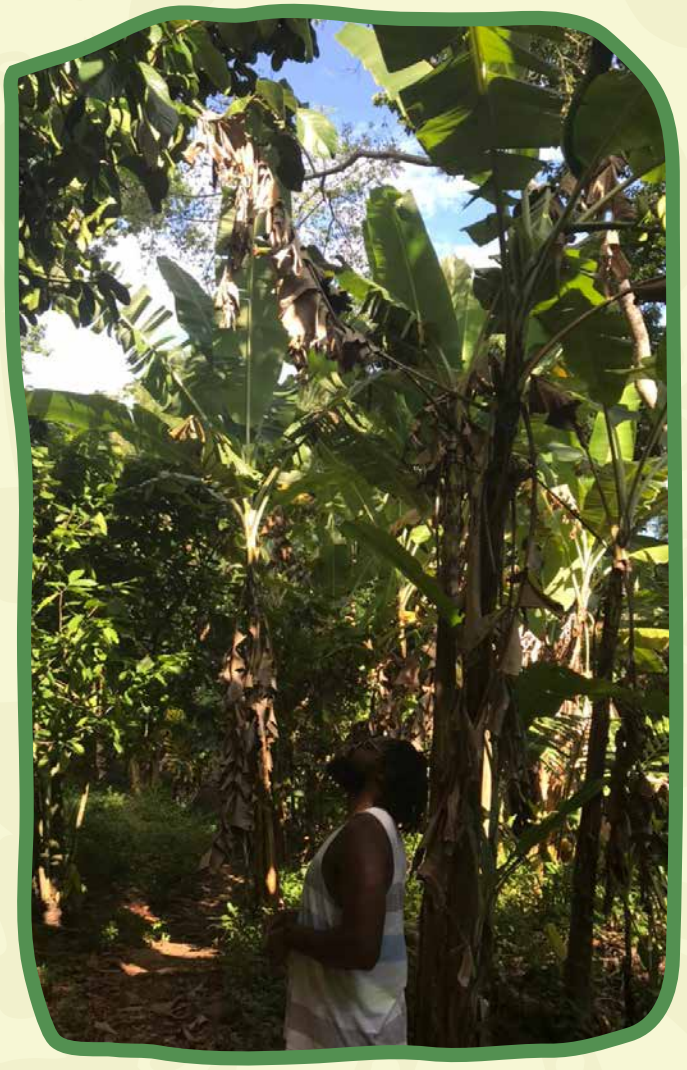
da ecologia, e do conhecimento relativos à nossa sociedade e aos grupos que a compõem. Ele será multidisciplinar e servirá de empoderamento da comunidade. É um recurso de valorização e conhecimento" destacou. Com a implantação, espera-se ainda contribuir com a governança comunitária, a partir do fortalecimento da comunidade junto às câmaras temáticas do Conselho Estadual do PEPB.

"*A gente deve trazer para o debate aqueles que são afastados do debate. Na medida em que produzem métodos, conhecimentos e práticas que geram biodiversidade, precisam ser vistos como são: produtores de epistemologias e de conhecimentos*" Para Rita, esse deveria ser o parâmetro estruturante das políticas de conservação. Políticas que precisam ser racialmente e ambientalmente mais justas.

Sandro Santos, agente de defesa ambiental, agente comunitário e liderança no Quilombo Cafundá Astrogilda, também afirma a importância em

> *"A gente deve trazer para o debate aqueles que são afastados do debate. Na medida em que produzem métodos, conhecimentos e práticas que geram biodiversidade, precisam ser vistos como são: produtores de epistemologias e de conhecimentos"*
> – Rita Montezuma

fortalecer as práticas ancestrais e os saberes dos moradores e moradoras da região. “*Hoje, o quilombo recebe a visita de muitas escolas e universidades. Com o laboratório, os moradores podem ser produtores de conhecimento, garantindo uma fala horizontal entre nós e os visitantes. Deste modo, nossos conhecimentos têm sentido e relevância.*” destacou Sandro, que também é neto da matriarca Astrogilda Ferreira da Rosa, que dá nome à comunidade.



Árvores frutíferas e espécies nativas de ervas medicinais compõem a floresta no Cafundá.

Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta

O Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta é realizado pelo Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA e tem o patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental. Está sendo desenvolvido com uma rede de parceiros: organizações da agricultura familiar, grupos formal e informalmente estruturados de mulheres e jovens, instituições universitárias e de pesquisa, além de organismos públicos vinculados a dinâmicas de desenvolvimento local.

Clique e acesse
as edições anteriores:

Boletim 1

Boletim 2

Boletim 3

Coordenação editorial:
Bruna Távora

Diagramação:
Bibiana Serpa e Pedro Biz

Para saber mais:

www.aspta.org.br
http://projetosertaocarioca.wordpress.com
Instagram: @agroecologiaaspta
Facebook: asptaagroecologia
Email: comunicasertao@aspta.org.br

REALIZAÇÃO

AS·PTA

APOIO

MISEREOR
IHR HILFSWERK

Rede Carioca
de Agricultura Urbana

PATROCÍNIO

BR PETROBRAS

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL